

- Luke, K. K. e Theodossia-Soula Pavlidou (eds.) (2002) *Telephone Calls: Unity and Diversity in the Structure of Telephone Conversations across Languages and Cultures*. Amesterdão: John Benjamins.
- Rodrigues, Adriano Duarte Rodrigues (2001) *A partitura invisível: Para uma abordagem interactiva da linguagem*. Lisboa, Colibri.
- Rodrigues, Adriano Duarte Rodrigues (2007) Apontamentos das aulas do seminário de Análise Conversacional, leccionado no âmbito da pós-graduação/mestrado em Ciências da Linguagem. Lisboa, FSCH-UNL. (manuscritos dos alunos)
- Schegloff, Emanuel A. (1968) Sequencing in Conversational Openings. *American Anthropologist* 70, pgs. 1075-1095.
- Schegloff, Emanuel A. (2004) Answering the phone. In *Conversation Analysis*, Lerner, Gene H. (ed.), pgs. 63-107.
- Sifianou, Maria (2002) On the telephone again! Telephone conversation openings in Greek. In *Telephone Calls*, Luke, K. K. and Theodossia-Soula Pavlidou (eds.), pgs. 49-85.
- Taleghani-Nikazm (2002) Telephone conversation openings in Persian. In *Telephone Calls*, Luke, K. K. and Theodossia-Soula Pavlidou (eds.), pgs. 87-109.
- Taleghani-Nikazm (2002) A conversation analytical study of telephone conversation openings between native and nonnative speakers. *Journal of Pragmatics* 34, pgs. 1807-1832.

A Ritualização das Aberturas Conversacionais: A 'Pergunta-Dádiva' está(s) bom?*

Michel G. J. Binet & Tiago Freitas

Resumo. A metalinguagem usada pelo analista para designar o seu objecto não deve empobrecer e simplificar abusivamente a apreensão de uma realidade intrinsecamente complexa. A terminologia conceptual é um instrumento teórico ao serviço de uma finalidade: dar a ver melhor a "realidade". Ora, designar apressadamente como "pergunta" o Acto de Linguagem produzido pelo enunciado *estás bom?* ocorrido em aberturas conversacionais comporta um risco de desconhecimento de dados comportamentais importantes, observáveis nos dados do *corpus* que serve de base empírica às análises que se seguem. Designá-lo como 'pergunta' induz a sua assimilação forçada à primeira parte de um par adjacente que tem por segunda parte uma 'resposta' (dotada de um conteúdo informativo relevante e de um valor de verdade). No presente texto, é nossa intenção chamar a atenção do linguista para a relevância dos contributos oriundos da antropologia e da sociologia, de forma a possibilitar a triangulação dos seus respectivos contributos (antropologia, linguística e sociologia) indispensável ao pleno desenvolvimento da Análise Conversacional.

1. Introdução

A questão aqui focada, que se situa na confluência da antropologia, da linguística e da sociologia, exige alguns elementos de perspetivação histó-

* O texto que aqui se publica, resultante de uma conversa iniciada em redor de um trabalho elaborado para efeitos de avaliação por Tiago Freitas no âmbito do *Seminário de Análise Conversacional* do Professor Adriano Rodrigues (FSCH-UNL), é uma versão desenvolvida de uma comunicação (Michel Binet e Tiago Freitas, «Conversação e organização prototípica da sequência de abertura: a "pergunta-dádiva" *Está(s) bom/boa?* em português») apresentada no âmbito do *IIº Fórum de Partilha Linguística*, organizado nos dias 12 e 13 de Julho de 2007 pelo Núcleo dos Jovens Investigadores do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL).

rica, pelo facto de ter sido levantada e discutida por Harvey Sacks, em trabalhos fundadores da *Análise Conversacional* (Sacks, 1975) e de ter desde então mantido um lugar de destaque na produção científica que se seguiu, como atesta por exemplo a obra de Emanuel Schegloff, publicada entre 1968 e os nossos dias.

Esta linha de investigação, que acabou por se tornar central para a *Análise Conversacional* (AC), tem por origem uma conversa casual: uma mulher com problemas de foro pessoal comentou que era levada a ‘mentir’ sempre que alguém com pouca disponibilidade para a ouvir lhe perguntava *estás boa?*, situação que ocorria com muita frequência. No decurso desta conversa, a falante usou uma expressão proverbial, «*everyone has to lie*», que chamou a atenção de Harvey Sacks e acabou por dar o seu título ao texto que serve de quadro referencial ao presente trabalho.

O facto de esta expressão proverbial, usada numa situação interlocutiva precisa, ter retido toda a atenção de Harvey Sacks prende-se com a orientação etnometodológica da sua sociologia. Esta ocorrência singular tornou-se para o olhar etnometodológico de Sacks um caso paradigmático evidenciador de traços estruturais constitutivos da ordem das nossas interacções verbais.

A *etnometodologia* de Harold Garfinkel (1967) promove uma abordagem **microconstructivista** do social, interessada em estudar “de perto e de dentro” (perspectiva émica) os meios e métodos usados pelos próprios interactantes para enquadrar e iniciar de forma coordenada (Schegloff, 1968: 1076 e 1085) as suas interacções, implementando o sistema de regulação dos turnos de fala. No **totexto** comunicacional (J. Cosnier), o analista procura evidenciar os “índices de contextualização” (Gumperz, 1989: 28) trocados pelos falantes para definir e confirmar conversacionalmente o quadro das suas relações, sinais conversacionais que desempenham assim uma importante função de posicionamento social e de correlação de lugares identitários que Claude Rivière designa como *função posicional* da comunicação (1995: 59), parte integrante da ritualização dos comportamentos de interacção.

Os dados conversacionais, registados ou até gravados em situações preferencialmente “naturais” constituem a base empírica do trabalho analítico. Esta metodologia indutiva é o resultado directo, no plano investigativo, do quadro teórico da Etnometodologia. Os interactantes são portadores de competências e saberes que se materializam nas suas acções e interacções. A análise minuciosa das trocas conversacionais permite assim objecti-

var os processos interactivos geradores de uma realidade construída localmente (Berger e Luckmann, 1973).

A competência manifestada pelos interactantes é de natureza tendencialmente pré-reflexiva. Importa referir aqui um conceito-chave da sociologia fenomenológica de Schütz (1987): a “atitude natural”. Os interactantes têm a tendência a encarar como “natural” a própria ordem da interacção por eles construída. Esta “atitude naturalizante” e reificadora torna o mundo “invisível” aos olhos dos seus criadores e produtores, à força de ser por eles considerado pré-reflexivamente como evidente e óbvio (Gumperz, 1989a: 29). Esta atitude naturalizante é o produto de uma adequação entre estruturas subjectivas (interiorizadas na cognição dos sujeitos individuais sob a forma de princípios de visão) e estruturas objectivas (exteriorizadas na sociedade envolvente sob a forma de divisões condicionadoras das posições e trajectórias individuais) generativas de um mundo social(izador) (Bourdieu, 2001).

A AC visa captar os actos de criação e de produção da ordem social nas acções e interacções dos seus criadores, as “artes do dizer e do fazer” que permitem aos sujeitos (re)inventar os seus quotidianos (Certeau, 2002). Ao registar e transcrever o agir comunicacional dos interactantes, a AC rompe com a ‘atitude natural’ perante o mundo social, objectivando-o, isto é, tornando-o objecto de inquirição e de reflexão, tornando visíveis os meios e as convenções em que assenta a sua construção.

A heurística da Etnometodologia está por trás da rica produção científica da AC. As práticas interlocutivas dos interactantes constituem o centro do trabalho analítico. A investigação aqui apresentada documenta isso mesmo. Como exemplo, podemos pensar na pergunta de Harvey Sacks: o que autoriza o analista a afirmar que ‘falta algo’ num determinado ponto de uma troca conversacional, e até a especificar o que falta precisamente, isto é, o que *deveria* ter sido dito, no conjunto potencialmente ilimitado do que *poderia* ter sido dito pelo falante considerado (Sacks, 1975: 68-69)? A resposta é dupla. Em primeiro lugar, o próprio analista é um falante dotado de uma “competência comunicativa” (Hymes, 1991) que lhe permite avaliar o carácter marcado (e relevante, no plano semântico-pragmático) da ausência de um dado enunciado num lugar preciso de uma conversa. Mas esta primeira resposta não é plenamente satisfatória, não possibilitando a administração da prova, a validação das ‘intuições’ do analista. A segunda resposta, de cunho etnometodológico, confia aos próprios sujeitos estudados a comprovação das hipóteses do analista. Perante actos ou palavras inesperados, os interactantes reagem, documentando desta forma as expectativas normativas que informam a sua participação na interacção.

Pelas suas reacções, são os próprios interactantes que fornecem o material comportamental e verbal que permitirá ao analista comprovar empiricamente as suas análises dos princípios de organização prototípica e preferencial das sequências conversacionais.

A sequência de abertura da conversa 9 do *corpus* abaixo analisado reveste-se assim de um elevado valor documental, atestando a existência de expectativas normativas, verbalizadas lexical e entoacionalmente pela falante Luísa («*então estás com pressa?*»), ao reagir negativamente face à não-reciprocção pelo seu interlocutor do seu «*estás bom?*».

Esta reacção comportamental do próprio falante, observada no *corpus* de conversas telefónicas aqui analisado, confirma empiricamente a existência em português de uma organização prototípica das sequências de abertura, equiparável em muitos aspectos a «*the how are you? situation*» estudada por Harvey Sacks (1975: 73) no mundo anglófono.

Os falantes, uma vez finalizadas as sequências de (1) iniciação da conversa e de (2) identificação mútua, podem trocar (3) cumprimentos, antes de ocorrer a (4) sequência *estás bom?*, como atesta o nosso *corpus*.

A sequência (3), de troca de cumprimentos, realizada por enunciados lexicalmente comparáveis em outras línguas europeias e com padrões entoacionais sobreponíveis, é considerada analiticamente o núcleo central da (macro)sequência de abertura. As sequências (1) e (2) seriam assim meros preliminares efectivando a abertura do canal e o mútuo reconhecimento dos falantes. A sequência (4) seria uma mera extensão (opcional) da troca de cumprimentos propriamente ditos. Por outras palavras, as trocas constitutivas das sequências (1), (2) e (4) seriam hierarquicamente subordinadas à troca principal da sequência (3) estruturalmente central.

No entanto, como observou Sacks (e atesta a conversa 14 do nosso *corpus*), o enunciado *estás bom?* pode substituir funcionalmente a sequência de cumprimentos, ocupando um lugar central na sequência de abertura, o que nos obriga a não menosprezar a sua importância. Sacks, porém, não deixa de hierarquizar as duas sequências com base no critério da reiterabilidade. Os falantes não reiteram os cumprimentos propriamente ditos (embora possam ser *reciclados* em caso de sobreposições de falas ou de ruídos exteriores afectando a sua primeira produção); os seus substitutos funcionais (*estás bom?*) sim¹. Outro argumento: a co-ocorrência dos cumprimentos (*olá!*) e dos seus

substitutos funcionais (*estás bom?*) numa mesma abertura conversacional obedece à ordem sequencial fixa acima estabelecida: primeiro os cumprimentos; a seguir os seus substitutos funcionais (correspondendo respectivamente às sequências (3) e (4) acima identificadas).

O *estás bom?* é um Acto de Linguagem (AL) que, em termos de organização hierárquica (Eddy Roulet, 1999) integra por sua vez uma estrutura de escala maior, uma troca de composição mais ou menos extensa, consoante haver ou não “respostas” e reciprocção.

Esta estrutura maior será caracterizada nas páginas que se seguem com recurso ao conceito analítico de *Par adjacente* (e respectivas Primeiras Partes [PPP] e Segundas Partes [SPP]), tendo o cuidado de evidenciar os fenómenos de bidireccionalidade (que não se circunscrevem a esta única quarta sequência da abertura), um mesmo AL funcionando simultaneamente como SPP e PPP. Estes ALs bifacetados asseguram a ligação e o encadeamento dos pares adjacentes que constituem o texto conversacional (Erving Goffman, 1987: 13-14).

No presente texto, é nossa intenção chamar a atenção do linguista para a relevância dos contributos oriundos da antropologia e da sociologia, de forma a possibilitar a triangulação dos seus respectivos contributos (antropologia, linguística e sociologia) indispensável ao desenvolvimento da AC. Com efeito, como já indicava a fórmula acima citada de Harvey Sacks, «*the how are you? situation*», a plena análise das funções semântico-pragmáticas do *estás bom?* assenta necessariamente numa abordagem situacional ou interactiva da linguagem (Rodrigues, 2001). Como escrevia Michel de Certeau, «*(...) o acto de fala não é dissociável da circunstancia*» (2002: 38) ou situação da sua enunciação, na medida em que «*(...) instaura um presente relativo a um momento e a um lugar; e estabelece um contrato com o outro (o interlocutor) no quadro de uma rede de lugares e de relações*» (2002: XXXVIII-XXXIX).

O *estás bom?* é produzido no quadro de uma situação (de que é um momento constitutivo essencial) que importa analisar sócio-antropologicamente. Marcel Mauss e Erving Goffman surgem como referências imprescindíveis. É com efeito em termos da lógica da dádiva (Mauss, 1989) e de *Face Work* ou figuração (Goffman, 1974) que a análise deve ser prosseguida (Rodrigues, 2007: 14-18).

As dimensões “accional e interaccional” (Binet, 2005) deste AL, a sua estratificação semântica, apresentam uma complexidade que importa não encobrir por uma terminologia descritiva inadequada. A metalinguagem

¹ O alcance deste argumento mereceria ser reavaliado à luz de uma análise detalhada dos respectivos padrões entoacionais de repetidas ocorrências do *estás bom?* dentro e fora da sequência de abertura da conversação.

usada pelo analista para designar o seu objecto não deve empobrecer, simplificar a apreensão de uma realidade intrinsecamente complexa. A terminologia conceptual é um instrumento teórico ao serviço de uma finalidade: dar a ver melhor a “realidade”. Ora, designar apressadamente como “pergunta” o AL produzido pelo enunciado *estás bom?* ocorrido em aberturas conversacionais comporta um risco de desconhecimento de dados comportamentais importantes, observados nas nossas interações verbais. Designá-lo como ‘pergunta’ induz a sua assimilação forçada à primeira parte de um par adjacente que tem por segunda parte uma ‘resposta’ (dotada de um conteúdo informativo relevante e de um valor de verdade).

Uma tal definição (terminologicamente fixada) é, senão falsa, pelo menos muito incompleta, mantendo fora do campo da análise dados importantes, atestados no nosso *corpus*. Na conversa 14, a SPP não consiste numa ‘resposta’, mas sim num ‘agradecimento’, AL realizado pelo enunciado *muito obrigada Zezinho*. Esta SPP exige uma redefinição retrospectiva da PPP *estás bom?* Não se trata de uma sequência pergunta-resposta. O valor de verdade da SPP *muito obrigada Zezinho* é nulo. À luz da primeira definição da PPP como ‘pergunta’, a SPP não faz sentido. Esta conclusão negativa contradiz os dados comportamentais registados. Esta SPP fez sentido para os falantes, e compete ao analista, de acordo com a perspectiva émica inerente à etnometodologia, restituir este sentido, através de uma descrição de perto e de dentro da situação de interacção verbal.

Os “agradecimentos” são ALs integrando trocas que devem ser analisadas na sua dimensão simbólica, com referência à lógica ternária da dádiva evidenciada por Marcel Mauss: (1) Dar, (2) Receber e (3) Retribuir (Rodrigues, 2001: 171). Nestas trocas verbais, a PPP *estás bom?* tem valor de (1) dádiva, ao colocar o locutário e o seu bem-estar no centro da atenção e da preocupação do locutor. A SPP *muito obrigada Zezinho* tem valor de (2) recepção e de valorização da dádiva e de aceitação da dívida daí resultante, SPP cuja importância para a economia simbólica da troca é realçada entoacionalmente. A reciprocidade da pergunta-dádiva (conversa 14: *como é que tu vais?*) tem valor de (3) retribuição, de contra-dádiva.

O valor simbólico desta sequência conversacional em três actos autoriza falar de ritualização, no seguimento de Erving Goffman (1987: 22-28). Nestes três actos, está em jogo a negociação e manutenção das faces identitárias dos interlocutores. O conceito de *figuração* (“face work”) designa o trabalho dramático de manutenção expressiva (verbal, paraverbal e não-verbal) da definição da situação e das aspirações e reivindicações identitá-

rias dos interactantes, cada um *dando* ao(s) outro(s) sinais de ratificação e de respeito do seu estatuto de participação na situação, na expectativa de *receber em troca* idênticos sinais confirmativos. Este ajustamento antecipado da dádiva sobre a contra-dádiva esperável, este nivelamento do valor da contra-dádiva sobre o da dádiva, contribuem no plano co-enunciativo para a ocorrência de fenómenos de alinhamento mimético da formatação de ALs (reciprocidades em formatos semelhantes por exemplo). Pela *pose*, parte do trabalho de figuração autocentrada, cada um projecta expressivamente uma identidade situacional. Pela *deferência*, parte do trabalho de figuração dirigida ao outro, cada um manifesta dramaturgicamente o seu respeito para com a identidade reivindicada pelo outro. Os ALs acima considerados devem ser analisados à luz desta ritualização das nossas interações. Constituem actos confirmativos das identidades. É precisamente o valor simbólico trocado: ratificar e confirmar o outro no seu estatuto e lugar na ordem da interacção, reconhecimento que faz *sentido* agradecer e que é ritualmente necessário de retribuir (sob uma forma ou outra no decurso da troca conversacional). Este valor simbólico é encarado como algo sagrado, cujo desrespeito desencadeia fortes reacções emocionais.

O elevado nível de padronização social que caracteriza as aberturas conversacionais, facto que levou Emanuel Schegloff (1968: 1086) a situar a AC no quadro da sociologia durkheimiana, atribuindo o estatuto de *facto social* às normas que constroem de fora os comportamentos dos falantes observados em situações interlocutivas, encontra a sua explicação na AC dos actos ameaçadores das faces identitárias (*face threatening acts* – Brown e Levinson, 1987). Qualquer desvio à norma e qualquer ruptura de expectativa daí resultante é tendencialmente interpretado como FTA, como sinal de desrespeito, que exige reparações ou explicações (como ilustra a conversa 9).

Paradoxalmente, a violência simbólica de incidência identitária potencialmente presente em múltiplos níveis das nossas trocas comunicativas é regulada pela ritualização. E é precisamente a padronização resultante desta ritualização que está na origem dos recursos expressivos usados para ofender e agredir simbolicamente o outro (Schegloff, 1968: 1086 e 1089).

O analista pode testar a força constrangedora da ordem (normativa) das nossas interações verbais evidenciada pela AC ao romper experimentalmente as expectativas dos sujeitos pela adopção intencional de comportamentos inesperados em situações concretas (Garfinkel, 1999: 54-58), confiando aos interactantes a responsabilidade de administrarem a prova e

de validarem os resultados de análise pelas suas reacções verbais ou comportamentais perante comportamentos negativamente marcados como não preferenciais: responder extensivamente ao PPP *estás bom?*; reiterar o *bom dia* vezes sem conta; agradecer (em vez de 'responder') uma 'pergunta' (experimentação que permitiria descobrir por observação reactiva a existência de outras 'perguntas de cortesia' ou 'perguntas-dádivas' no corpo principal das nossas conversações), etc.

2. Metodologia

Os dados para esta análise consistem numa pequena colecção de fragmentos conversacionais extraídos de um *corpus* de conversas telefónicas elaborado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa². As conversas em causa foram digitalmente gravadas pela Portugal Telecom, em formato WAV não-comprimido, com separação de canais, sendo passíveis de análise linguística detalhada.

Todos as chamadas registadas foram feitas a partir de telefones de rede fixa em Novembro de 2001. Trata-se essencialmente de conversas entre familiares e amigos ou colegas, pelo que o grau de informalidade é sempre elevado. Por outro lado, o facto de grande parte dos participantes não saberem que estavam a ser gravados confere a estes dados uma espontaneidade sem precedentes.

Os dados a seguir apresentados dividem-se em duas subsecções consoante a estrutura da sequência: existem casos em que a pergunta *está(s) bom/boa?* é reciprocada e casos em que é apenas produzida por um dos participantes.

3. Sequências com Reciprocção da Pergunta

Um dos aspectos que caracterizam a produção destas sequências no português europeu é o facto de ambos os participantes na conversação tenderem a produzir a pergunta *está(s) bom/boa?* Consideremos um primeiro caso:

C14

- 0 (toque do telefone)
- 1 TER: estou?
- 2 JOS: estou Teresinha de Jesus
- 3 TER: sou
- 4 JOS: estás boa?
- 5 TER: muito obrigada Zezinho <como é que tu vais?>
- 6 JOS: <hhh> bem muito obrigado hhh
- 7 TER: ora diz

Neste fragmento de fala podemos observar que logo após o momento de concretização do reconhecimento entre os participantes (linhas 2 e 3), o telefonante introduz a pergunta *estás boa?*, a que se seguirá a reciprocção da pergunta por parte da telefonada que se pode ver na linha 5.

Quando é feita uma pergunta, é natural e esperado pelos participantes que surja a respectiva resposta, constituindo essa sequência um par adjacente. Como se pode observar na linha 5, TER produz uma SPP em que apenas expressa o seu agradecimento pela pergunta formulada por JOS, não produzindo na verdade um enunciado que responda a essa pergunta. Já JOS, por seu lado, chega a responder à pergunta, mas de um modo que poderíamos considerar 'minimalista', limitado à produção de um advérbio *bem*, a que se seguirá uma fórmula de agradecimento pronunciada de uma maneira significativamente mais expressiva do que a resposta em si. É curioso verificar, neste fragmento, que a reciprocidade se verifica não só pelo facto de ambos os participantes formularem a pergunta mas também por adoptarem um formato de SPP muito semelhante.

Consideremos outro fragmento:

C27

- 0 (toque do telefone)
- 1 CLA: está
- 2 LUI: está Clara?
- 3 CLA: olá Luísa tudo <bem>?
- 4 LUI: <viva> estás boa?

² A quem expressamos o nosso agradecimento.

- 5 CLA: eu estou e tu?
 6 LUI: eu também
 7 CLA: <hum>
 8 LUI: <então> hoje estás sozinha?

Neste exemplo, podemos observar uma distribuição equilibrada da sequência *está(s) bom/boa?*, sendo produzidas no total três PPPs e duas SPPs³. LUI não chega a responder à PPP inicial de CLA, provavelmente pelo facto de ter havido sobreposição de fala, mas vê a sua própria PPP respondida, após o que CLA, por sua vez, irá reciclar a sua formulação inicial *tudo bem?* com um *e tu?*, na linha 5.

As SPPs produzidas pelas falantes são produzidas de um modo 'minimalista'. CLA limita-se a responder *eu estou*, ao passo que LUI opta por um não menos compacto *eu também*. Constatamos aqui, tal como em C14, um certo paralelismo no formato das SPPs: em ambos os casos, as falantes iniciam a sua resposta com o pronome *eu*.

Temos razões para pensar que aqui as falantes não atribuem grande importância à produção das SPPs após o *está(s) bom/boa?* Não só estas partes são produzidas com um conteúdo lexical mínimo mas também apresentam uma prosódia menos expressiva. Considerando o parâmetro acústico da amplitude, podemos apreciar, no caso de LUI, que a saudação e a PPP são produzidas com uma intensidade média muito mais alta do que a SPP: 79 vs. 73 dB. Já em relação a CLA, podemos observar que a sua velocidade de fala se torna mais rápida da linha 3 para a linha 5: 7,2 vs. 8,8 sílabas por segundo. Ou seja, a falante aumenta em cerca de 20% a sua velocidade de articulação na produção da SPP. Tendo em conta algumas hipóteses existentes de que a velocidade de fala tende a tornar-se mais lenta em pontos essenciais da conversação, somos levados a pensar que neste caso as SPPs de resposta ao *está(s) bom/boa?* são tratadas, pelo contrário, como pouco importantes.

Consideremos um último fragmento:

³ Embora raros, também ocorrem no *corpus* alguns casos de conversas em que são produzidas mais de duas SPPs na sequência de abertura.

C22

- 1 SAN: estou Noémia?
 2 NOE: sim
 3 SAN: olá é fala a Sandra Pereira
 4 NOE: olá Sandra! <está boa?>
 5 SAN: <está boa?> sim
 6 NOE: não &tando muito boa não ando <ando com>
 7 SAN: <então?>
 8 NOE: gripe eh viroses sei lá o que é que esta porcaria é!
 9 SAN: oh!
 10 NOE: é

Podemos observar que a SPP de NOE é, ao contrário dos casos que temos visto até agora, uma resposta negativa. E aqui jaz a grande diferença entre este fragmento e os anteriores.

A produção de respostas negativas após o *está(s) bom/boa?* é um fenómeno nitidamente marcado, ocorrendo com pouca frequência⁴. Neste caso, a falante NOE vai responder directamente à PPP de SAN, infirmoando o valor de verdade do adjectivo *boa*. Isto significa, portanto, que NOE tratou a PPP de SAN como uma verdadeira pergunta, tendo produzido uma SPP em que aborda com algum detalhe a sua condição de saúde.

Contrastivamente, se olharmos para a SPP de SAN, constatamos que ela se resume a um mero *sim*, na linha das SPPs que vimos anteriormente. Mais uma vez, trata-se de uma resposta com conteúdo lexical muito reduzido, apresentando também uma prosódia pouco expressiva.

A ocorrência deste contraste leva-nos a supor, entretanto, que existirá uma tendência para produzir SPPs de valor verdadeiro em resposta ao *está(s) bom/boa?*, sendo as respostas positivas minimizadas e as respostas negativas, pelo contrário, expandidas, tornando-se potenciais primeiros tópicos de conversa (e, por isso, delimitadoras da sequência de abertura em potência). Precisamente o que vai acontecer neste fragmento é a expansão de toda a SPP de NOE, que, como se pode observar, se irá desenvolver ao

⁴ É, no entanto, um fenómeno que poderá estar sujeito a variação interpessoal. Assim, poderemos encontrar falantes que por rotina respondem negativamente à pergunta *está(s) bom/boa?*. Poderá também ser o caso de NOE, mas não dispomos de informação que nos permita avaliar essa hipótese.

longo de vários turnos. E isto é feito com o incentivo de SAN, após um expressivo *então?*.

4. Sequências sem Reciprocção da Pergunta

Existem no *corpus* em análise alguns casos em que não se verifica reciprocidade na produção da PPP *está(s) bom/boa?* Apesar de serem menos frequentes, estas sequências também merecem a nossa atenção.

Consideremos um primeiro caso:

C9

0 (toque do telefone)

1 LUIS: *está?*

2 LUI: *está olá*

3 LUIS: *olá*

4 LUI: *estás bom?*

5 LUIS: *diz*

6 LUI: *então estás com pressa?*

7 LUIS: *não*

8 LUI: *ah estavas assim com um ar <despachado>*

9 LUIS: *<não> então diz lá*

Este é um caso curioso pelo facto de evidenciar um 'problema conversacional', correspondendo a um momento da interacção em que os falantes abordam directamente uma situação difícil gerada no decurso da própria conversação. E o problema surge precisamente após o início da sequência *estás bom?*, início protagonizado por LUI na linha 4.

O que acontece neste fragmento é que LUIS, ao invés de produzir uma SPP de resposta, opta por produzir aquilo a que poderíamos chamar um pedido de explicitação do motivo do telefonema. Parece ser essa, pelo menos, a interpretação de LUI, que, perante a forma imperativa *diz*, decide interpelar LUIS, questionando se este estaria com pressa, o que seria uma razão válida para que os interlocutores avançassem rapidamente para a discussão do motivo da chamada telefónica.

A abertura conversacional acaba por ter, assim, uma estrutura assimétrica, o que se nos afigura como uma marca decorrente da ocorrência de problemas conversacionais. Chamamos-lhe assimétrica pelo facto de apresentar pares adjacentes não resolvidos, isto é, PPPs que ficam sem resposta ou que têm resposta adiada. Tentando representar aquilo que se passa a partir da linha 4 em esquema, ficaríamos com algo como:

PPP	Unidade	Falante	SPP
<i>estás bom?</i>	PPP da sequência <i>estás bom/boa?</i>	LUI	∅
<i>diz</i>	pedido do motivo do telefonema	LUIS	∅
<i>então estás com pressa?</i>	interpelação	LUI	<i>não</i>
<i>ah estavas assim com um ar despachado</i>	justificação	LUI	<i>não</i>

É interessante verificar que, a partir do momento em que LUI faz a interpelação, evidenciando a existência de um problema conversacional, a conversa retoma uma estrutura harmónica, havendo a produção de SPPs quer para a interpelação quer para a justificativa que LUI apresentou para essa mesma interpelação. As SPPs minimalistas de LUIS, que se cinge em ambos os casos a um simples *não*⁵, parecem querer dizer que o falante estaria, de facto, com pressa ou, pelo menos, com vontade de avançar rapidamente na conversação. No entanto, responder afirmativamente à interpelação constituiria um acto marcado, podendo ser interpretado como um verdadeiro FTA.

5. Conclusão

O não-agradecimento e a não-reciprocção da dádiva não deixariam de condicionar negativamente a história conversacional e relacional dos falan-

⁵ Mas é particularmente elucidativo, a este respeito, observar o tom com que são produzidas as SPPs. Na primeira, LUIS atinge uma frequência fundamental de 250 Hz, subindo uns vertiginosos 9 semitons acima do seu tom médio, quase uma oitava. Repare-se que já o segundo *não* é produzido com frequência média muito mais baixa.

tes, cuja relação sócio-afectiva precisa de ser reatualizada e confirmada por esta troca ritual em três actos, típica das sequências de abertura das conversações. Como atestam as análises apresentadas, as obrigações rituais podem dobrar em caso de SPPs negativas (*pessimamente*)⁶. Estas SPPs marcadas negativamente (ou positivamente) funcionam simultaneamente (*bidireccionalidade*) como PPPs de um par adjacente que tem por SPP uma reiteração da dádiva realizada pelo enunciado *então?*. Esta “palavra do discurso” (Ducrot *et al.*, 1980) desempenha funções muito diferenciadas, desde o encerramento da (macro)sequência de abertura e a introdução do primeiro tópico do corpo principal da conversa até o desdobramento da sequência (4) sob a forma de um “inquerito” (Sacks, 1975: 70)⁷. Produzir um *então?* que inicia esta sequência de questionamento e de diagnóstico dos problemas na origem de uma resposta negativa à pergunta-dádiva *estás bom?* constitui uma obrigação ritual. A sua não produção pode ameaçar a face do interlocutor e afectar negativamente a relação: «*Desejosos de salvaguardar a face de cada um, [os participantes na interacção verbal] acabam assim por agir de tal forma que salvaguardam a ordem da comunicação*» (Goffman, 1987: 26).

Responder muito positiva ou negativamente ao PPP *estás bom?* coloca o nosso interlocutor na obrigação de se inquirir dos motivos subjacentes à nossa resposta. No entanto, a informação de teor pessoal passível de ser comunicada a outrem é condicionada pela relação social mantida. Se esta relação social torna inapropriada a divulgação das informações pessoais que motivam a resposta, então é aconselhável ou mesmo necessário mentir: *everyone has to lie*.

Ao abordar esta expressão proverbial como “conhecimento” produto de uma *etnociência* das interacções verbais que importava validar e valorizar pela AC, Harvey Sacks evidenciou traços estruturais das sequências de abertura das conversações, num estudo que desde então fornece o seu quadro de referência aos investigadores do mundo inteiro, interessados em analisar comparativamente a vida sociocultural das suas respectivas línguas. As presentes análises referentes às conversas telefónicas em português

⁶ Ou de SPP realçadas prosodicamente como muito positivas: *Muitíssimo bem!*.

⁷ Mais uma vez, uma análise detalhada dos respectivos padrões entoacionais de ocorrências do *então?* produzidas em co-textos diferenciados (na sequência de uma SPP muito positiva, de uma SPP neutra e de uma SPP muito negativa) revestir-se-ia de elevado interesse, tendo em consideração as modalizações atitudinais e emocionais contrastantes que lhe são inerentes.

inscrevem-se nesta linha de investigação interdisciplinar, na confluência da antropologia, da linguística e da sociologia.

References

- Berger, Peter & Luckmann, Thomas (1973) [1966] *A construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes.
- Binet, Michel (2005) As análises accional e interaccional do discurso oral. Contributos da Teoria da Argumentação na Língua, TAL de Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre. Comunicação apresentada no âmbito do Seminário de Investigação “Temas e Problemas em Antropologia. Relatos na primeira pessoa” promovido pelo Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, CEEP/FCSH-UNL, documento GEAC.
- Bourdieu, Pierre (2001) *Langage et pouvoir symbolique*. Paris, Seuil.
- Brown, P. & Levinson, S. (1987) *Politeness. Some universals in language use*. Cambridge, CUP.
- Certau, Michel de (2002) [1980], *L'invention du quotidien. 1. Arts de faire*, Paris, Folio/Essais.
- Claude Rivière (1995) *Les rites profanes*, Paris: PUF/Ducrot, Oswald et al., 1980, *Les mots du discours*, Paris, Minuit.
- Freitas, Tiago (2007) O português ao telefone: sequência de abertura, documento GEAC.
- Garfinkel, Harold (1999) [1967] *Studies in Ethnomethodology*, Cambridge, Polity Press.
- Goffman, Erving (1973) [1956/1959] *La mise en scène de la vie quotidienne, 1. La présentation de soi*, Paris, Minuit.
- Goffman, Erving (1961) *Encounters. Two Studies in Sociology of Interaction*, New York, The Bobbs-Merill CO.
- Goffman, Erving (1988) [1963] *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Rio de Janeiro, Guanabara.
- Goffman, Erving (1974) [1967] *Les rites d'interaction*, Paris, Minuit.
- Goffman, Erving (1991) [1974] *Les cadres de l'expérience*, Paris, Minuit.
- Goffman, Erving (1987) [1981] *Façons de parler*, Paris, Minuit.
- Goffman, Erving (1999) [1988] *Os momentos e os seus homens, textos escolhidos e apresentados por Yves Winkin*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Gumperz, John (1989a) *Engager la conversation. Introduction à la sociolinguistique interactionnelle*, Paris, Minuit.

- Gumperz, John (1989b) *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*, Paris, L'Harmattan.
- Hymes, Dell (1991) *Vers la compétence de communication*, Paris, Hatier – Didier.
- Kebrat-Orecchioni, Catherine (1998) [1990] *Les interactions verbales. 1. Approche interactionnelle et structure des conversations*, Paris, Armand Colin.
- Kebrat-Orecchioni, Catherine (1998) [1994] *Les interactions verbales. 3. Variations culturelles et échanges rituels*, Paris, Armand Colin.
- Lerner, Gene H., ed. (2004) *Conversation Analysis: Studies from the first generation*. Amesterdão, John Benjamins.
- Levinson, Stephen C. (1983) *Pragmatics*, Cambridge, CUP.
- Luke, K. K. and Pavlidou, Theodossia-Soula (eds) (2002) *Telephone calls: Unity and diversity in the structure of telephone conversations across languages and cultures*, Amesterdão, John Benjamins.
- Mauss, Marcel (1989) Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques. *Sociologie et anthropologie*, Paris, PUF, 143-279.
- Rodrigues, Adriano Duarte (2001) *A partitura invisível. Para a abordagem interactiva da linguagem*, Lisboa, Colibri.
- Rodrigues, Adriano Duarte (2007) Processos Cognitivos e Estratégias de Comunicação, documento GEAC.
- Roulet, Eddy (1999) *La description de l'organisation du discours*, Paris, Didier.
- Sacks, Harvey (1975) [1968], Everyone Has to Lie. B. Blount & M. Sanchez (eds), *Sociocultural Dimensions of Language Use*, New York, Academic Press, 57-79.
- Schegloff, Emanuel (1968) Sequencing in Conversational Openings, *American Anthropologist*, 70: 1075-1095.
- Schegloff, Emanuel (2004) Answering the Phone. Gene H. Lerner (ed.), *Conversation Analysis: Studies from the First Generation*, Amesterdão, John Benjamins.
- Schütz, Alfred (1987) *Le chercheur et le quotidien*, Paris, Méridiens-Klincksieck.
- Taleghani-Nikazm, Carmen (2002) Telephone conversation openings in Persian. K. Luke & Theodossia-Soula Pavlidou (eds), *Telephone calls: Unity and diversity in the structure of telephone conversations across languages and cultures*, 87-109.
- Taleghani-Nikazm, Carmen (2002) A conversation analytical study of telephone conversation openings between native and nonnative speakers, *Journal of Pragmatics*, 34: 1807-1832.

Biografia de Tiago Freitas

Tiago Freitas

Estudos de *Corpora*

*Da Teoria
à Prática*

Homenagem do ILTEC

Organização

Miguel Oliveira, Jr.